

ANTÓNIO DA COSTA LOPES
DOUTOR EM FILOSOFIA
PROFESSOR DE FILOSOFIA E LETRAS

MARTIM DE GINZO, JOGRAL PORTUGUÊS

COM FOTOGRAVURAS
DO CANCIONEIRO DA VATICANA
E DOUTROS CÓDICES

2.^a EDIÇÃO
REVISTA E AUMENTADA

BRAGA
1963



MARTIM DE GINZO,
JOGRAL PORTUGUÊS

ANTÓNIO DA COSTA LOPES
DOUTOR EM FILOSOFIA
PROFESSOR DE FILOSOFIA E LETRAS

MARTIM DE GINZO, JOGRAL PORTUGUÊS

COM FOTOGRAVURAS
DO CANCIONEIRO DA VATICANA
E DOUTROS CÓDICES



Perm. Barcelos

2.ª EDIÇÃO
REVISTA E AUMENTADA

BRAGA
1963

DO AUTOR:

Gomes Pereira. Estudo bio-bibliográfico. Barcelos, 1950.

Pequena história dum grande seminário. Braga, 1950. Esgotado.

Realismo do senso comum e realismo da ciência na filosofia de Meyerson.
Braga, 1959.

Martim de Ginzo, jogral português. Braga, 1960 (1.ª edição, esgotada).

Meyerson e a teoria do conhecimento. Braga, 1961.

O pessimismo filosófico de António Feijó. Braga, 1962.

SEPARATA
DE
O DISTRITO DE BRAGA
Vol. II, 1963, Fasc. I-II.

Aos Ex.^{mos} Senhores

Dr. António Alves Martins Coimbra

e

Rev. Dr. Manuel António de Paula

grata homenagem
do autor

Preâmbulo

A O demonstrar em 1946 a nacionalidade portuguesa do trovador medieval D. João Garcia de Guilhade ¹, sugeri, como argumento confirmatório da minha tese, a identificação de um certo Martin jograr, a que o citado trovador alude, com o jogral Martim de Ginzo, cuja terra de origem, nesse caso, se poderia fixar na antiga paróquia de Ginzo, do concelho de Barcelos.

Conquanto isto não passasse então de simples conjectura, nem por isso a abandonei, a ponto de em 1949, num pequeno estudo sobre Portugal e Santa Cecília ², me pronunciar já, embora de passagem e não definitivamente, a favor da naturalidade portuguesa de Martim de Ginzo.

Circunstâncias várias, extrínsecas ao tema, fizeram-me interromper a recolha e a ordenação dos materiais, de modo que só bastante

¹ Cf. D. João Garcia de Guilhade — quem foi? onde nasceu?, art. publicado em *Cenáculo*, Revista dos alunos do Seminário Conciliar de Braga, I (1945-1946), pp. 159-168.

Que eu saiba, a minha demonstração da nacionalidade portuguesa do trovador tem sido aceita por todos os autores que até hoje dela tiveram conhecimento. Cf. *Letras e artes*, suplemento literário do jornal *Novidades* de 25-IX-1946; Arlindo RIBEIRO DA CUNHA, *A língua e a literatura portuguesa* ⁵, Braga, 1959, p. 77; Álvaro Júlio da COSTA PIMPÃO, *História da literatura portuguesa, Idade média* 2, Coimbra, 1959, pp. 115-116, 125-126; Feliciano RAMOS, *História da literatura portuguesa* ⁴, Braga, 1960, p. 60; F. MIRANDA DE ANDRADE, *Antologia da terra barcelense*, no jornal *O Barcelense* de 9-IX-1961.

Quanto à naturalidade barcelense do poeta (*lugar de Guilhado da freguesia de Milhazes, Barcelos*), os mesmos autores a aceitam, notando-se apenas alguma reserva da parte de COSTA PIMPÃO (*obra cit.*, p. 126). Continuo mantendo a minha afirmação da naturalidade barcelense do trovador, não só pelas razões indicadas no meu citado trabalho (as quais, por si sós, julgo suficientes), mas ainda por outras que apresentarei noutro lugar e dentro em breve, se o tempo mo permitir.

² Publicado na revista *Cenáculo*, IV (1948-1949), pp. 150-156. A referência a Martim de Ginzo acha-se nas pp. 154-155.

depois me veio a ser possível apresentar ao público um trabalho já há muito delineado quanto às suas linhas essenciais.

Escusado encarecer a importância do género de estudos a que este trabalho pertence. Melhor do que ninguém a exprime o abalizado mestre de literatura portuguesa medieval, Rodrigues Lapa, quando escreve:

«Ainda hoje é difícil, a não ser num ou noutro caso isolado, tratar a fundo da personalidade dos trovadores. Para isso é indispensável que haja edições rigorosamente críticas dos principais autores e que se investigue nos arquivos portugueses, galegos e espanhóis o possível noticiário sobre a vida de cada um — tarefa ainda por fazer»³.

Talvez não seja inteiramente inútil nem inoportuno advertir que as razões verdadeiramente ponderáveis, em estudos como este, são as frias razões de ordem puramente histórica, e nunca a paixão patriótica ou bairrista, muito embora possam as conclusões lisonjear esse sentimento, em si legítimo. Não será este, pois, mas será o respeito pela verdade, que me fará discordar de quem tem atribuído naturalidade galega ao poeta em questão.

³ Manuel RODRIGUES LAPA, *Lições de literatura portuguesa*, Época medieval³, Coimbra, 1952, p. 119.

Uma palavra sobre o plano deste trabalho:

Não é sem dificuldades que se agita o problema da naturalidade dos poetas medievais galego-portugueses. Por um lado, a comunidade da língua e as estreitas relações que mutuamente aproximavam os habitantes de aquém e além-Minho, e, por outra parte, o facto de se encontrarem, quer em Portugal, quer na Galiza, muitos dos topónimos que acompanham o nome dos poetas ou figuram nas suas composições — tudo isto nos mostra a complicação do problema e a necessidade que há de buscar e ponderar o maior número possível de dados para chegar a conclusões que, mesmo assim, nem sempre poderão ser peremptórias.

Tendo isto em conta, há que examinar, antes de mais, as poesias de Martim de Ginzo: os dados que o seu conteúdo oferece, juntamente com o próprio nome do poeta, hão-de ser o fulcro das conclusões a respeito da sua naturalidade.

A OBRA POÉTICA DE MARTIM DE GINZO

I. O TEXTO

Acham-se as cantigas de Martim de Ginzo tanto no Cancioneiro da Biblioteca Nacional (CBN) como no da Vaticana (CV).

Do primeiro existe já, felizmente, uma edição, com fac-símile e transcrição, ao alcance de todos: é a edição de Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado, em curso de publicação na *Revista de Portugal* ¹ (CBNM).

Do Cancioneiro da Vaticana é que ainda não há edição com fac-símile, o que é tanto mais de lastimar quanto raras são hoje as respectivas edições de Ernesto Monaci ² (CUM) e de Teófilo Braga ³ (CVB).

Julguei, por isso, útil apresentar aqui em fotogravuras a parte do apógrafo do Vaticano respeitante às poesias de Martim de Ginzo (*Uat. Lat.* 4803, fls. 138 v.-139), juntando-lhe a respectiva transcrição fiel, acompanhada de modesto aparato crítico.

Vão entre colchetes as palavras que faltam ao manuscrito (trata-se quase só de partes de refrãos, já conhecidas dalguma estrofe anterior). Quanto à demarcação dos versos, ative-me à do apógrafo, excepto nas cantigas I e V. Desdobrei as abreviaturas, separei as palavras que nele vêm juntas e estabeleci com sobriedade a pontuação que me pareceu mais conveniente.

¹ Intitula-se *Cancioneiro da Biblioteca Nacional, antigo Colocci-Brancuti*, principiou a ser publicada em 1947 e já vai no volume VIII (*Glossário*).

² Ernesto MONACI, *Il canzoniere portoghese della Biblioteca Vaticana*, Halle 1875.

³ Teófilo BRAGA, *Cancioneiro portuguez da Vaticana*, Lisboa, 1878.

I

(CVM e CVB, n.º 876; CBN, n.º 1270; CBNM, n.º 1219)

[fl. 138 v., Δ] Como vyvo coytada, madre, por meu amigo,
ca m envyou mandado que se vay no ferido,
e por el vyvo coytada!

Como vyvo coytada, madre, por meu amado,
ca m envyou mandado que sse vay no fossado,
e por el [vyvo coytada]!

Ca m envyou mandado que sse vay no ferido,
eu a Sancta Cecilia de coraçon o digo
e por el vyvo [coytada]!

Ca m envyou mandado que sse vay no fossado,
eu a Sancta Cecilia de coraçon o falo
e por el vyvo [coytada]!

V. 1: Como. Assim no CBN. No CU lê-se: E Como. Mas, em vez deste E, não se tratará, antes, de um C riscado, porque repetido? À margem, no CU, está um C.

V. 4: amado. No CBN lê-se: amigo.

Vv. 8-10: Faltam no CBN.

II

(CVM e CVB, n.º 877; CBN, n.º 1271; CBNM, n.º 1220)

Se vos prouguer, madr, oj este dia
hirey oj eu fazer oraçon
e chorar muyt en Sancta Cecilia
destes meus olhos e de coraçon,
ca moyr eu, madre, por meu amigo
e el morre por falar comigo.

Se vos prouguer, madre, desta guisa
hirey ala mhas candeas queimar
eno meu mant e na mha camisa
a Sancta Cecilia ant o seu altar,
ca moyr eu [, madre, por meu amigo
e el morre por falar comigo].

Martin do 6130

Como uyno cortada madri' p' meu amigo
camin' uyno m'ado q' a' uay no ferido
e p' el uyno cortada'

Como uyno cortada'
madri' p' meu amigo
camin' uyno m'ado
q' se uay no ferido
e p' el.

Camin' uyno m'ado
q' se uay no ferido
em a scá Cecilia
de coraçõ odigo
e p' el uyno.

Camin' uyno m'ado q' se uay no ferido
em a scá Cecilia de coraçõ o falo
e p' el uyno.

Seu prouquer madri' p' dia
hvey ouen fazer oraçõ
e chorar muyten scá Cecilia
destes meo othos e de coraçõ
sa moyren madri' p' meu amigo
e el morri' por falar comigo

Seu prouquer madri' dista gra
hvey ala minhas camoeas q' mar
eno meu man' na mha' camsa
a scá Cecilia' ante seu altar
ca moyren'.

Sem leixades mha' madrala hvi
diver' no ora o q' no favey
p' u'harey semp' u' deus f'uir
esta fida mui leda' uerrey
ca moyren' ma'.

Tredes ay mha' madren romaria
ora tu chamam scá Cecilia
e loucama hvey
ca u' hy esto q' namorey
eloucama hvey.

Tredes migo madri' de grado
camin' uyno m'ado p' mi coitado
eloucama hvey.

Ora u' hvi chamam scá Cecilia
p' os maduro q' ben gra'
loucama hvey.

Camin' u' amiguo p' mi coitado
e p' os eu n' favey seu m'ado
eloucama hvey.

Non possen madri' ir a scá Cecilia
camin' guardades a noyn' o dia
do meu amigo.

Non possen madri' ir a scá Cecilia
camin' n' leixades f'az m'ado
do meu amigo.

GRAVURA I

Cancioneiro da Vaticana,
fl. 138 v.

[fl. 138 v., B] Se me leixardes, mha madr, ala hir,
direy vos ora o que vos farey:
punharey sempre ja de vos servir
e desta hida mui leda verrey,
ca moyr eu, ma[dre, por meu amigo
e el morre por falar comigo].

V. 5: ca. O CU diz: sa.

V. 15: ja. Falta no CBN.

III

(CVM e CVB, n.º 878; CBN, n.º 1272; CBNM, n.º 1221)

Treydes, ay mha madr, en romaria
orar hu chamam Sancta Cecilia,
e louçana hirey,
ca ja hy est o que namorey,
e louçana hirey.

E treydes migo, madre, de grado,
ca meu amigu e por mi coitado,
e louçana hirey,
[ca ja hy est o que namorey,
e louçana hirey].

Orar hu chaman Sancta Cecilia,
poys m aduss o que ben queria,
[e] louçana hirey,
[ca ja hy est o que namorey,
e louçana hirey].

Ca meu amigu e por mi coitado,
e poys eu non farey seu mandado?
e louçana hirey,
[ca ja hy est o que namorey,
e louçana hirey].

V. 3: louçana. No CU lê-se: iouçana.

IV

(CVM e CVB, n.º 879; CBN, n.º 1273; CBNM, n.º 1222)

Non poss eu, madre, ir a Sancta Cecilia,
ca me guardades a noyt e o dia
do meu amigo.

Non poss eu, madr, aver gasalhado,
ca me non leixades fazer mandado
do meu amigo.

[fl. 139, A]

Ca me guardades a noyt e o dia,
morrer vos ey con aquesta perfia
por meu amigo.

Ca mi non leixades fazer mandado,
morrer vos ei con aqueste cuydado
por meu amigo.

Morrer vos ey con aquesta perfia,
e, sse me leixassedes hir, guarria
con meu amigo.

Morrer vos ey con aqueste cuydado,
e, sse quiserdes, hirey mui de grado
con meu amigo.

V. 4: gasalhado. No *CU* e no *CBN* lê-se: gasalhada.

Vv. 13-15: Faltam no *CBN*.

V. 17: sse. No *CU* lê-se: sser.

V

(CVM e CVB, n.º 880; CBN, n.º 1274; CBNM, n.º 1223)

Ay vertudes de Sancta Cecilia,
que sanhudo que se foy hun dia
o meu amigo e ten sse por morto,
e, sse ss asanha, non faz hy torto
o meu amigo, e ten sse por morto.

Ay vertudes de sancta ermida,
con gram pesar fez aquesta hida
o meu amigo e ten sse por morto,
e, sse ss assanha, non faz hi torto
[o meu amigo, e ten sse por morto].

V. 5: Imediatamente depois de amigo, o *CU* apresenta um traço vertical.

Camí guardades a myto dia
morreruy ey co' aq'sta persia
por meu amigo.

Camí n'ó leixades faz' má d'ado
morreruy ei co' aq'st' cuydado
por meu amigo

Morreruy ey co' aq'sta persia
essem' leixades hui guarria
con meu amigo

Morreruy ey co' aq'st' cuydado
essem' q'sendes huiy mui di' grado
con meu amigo.

Ay uertudes de scá Cecilia
qui' sanhaudo qui' se foy hui' dia
o meu amigo etensi' por morto
esfesa sanha non faz hy torto
o meu amigo etensi' por morto

Ay uertudes de scá ermida
co' q'm pesar fez aq'sta m'ida
o meu amigo
tensi' por morto
esfesa sanha n'ó faz hy torto

Non mi digades madri' mal se en for
ueelo sen uerdade qui' namorey
na ermida do souenal
hu mel fez muitas uedes coytada estar
na ermida do souenal

Non mi digades madri' mal se en for
ueelo sen uerdade mentido
na ermida do

Se el n'ó non hi madri' sey q' farey
el sera sen uerdade en morreruy
na ermida.

Rogeu scá Cecilia enro' sen hor
q' achou hy madro meu naedor
na ermida.

Nunca eu ui melhor ermida né mays scá
o que se' dem' en finge mi cana
dijero mi qui' aq'sa coyta sempre uanta
por mi deus anos grado
edixen mi qui' e' cuydado
por mi o peruido
m' codar esta n'ó acho p'cada

Ado mui bon parecer
mandoulo aduffi' tanger
longana' damores moyreu.

Ado mui bon semelhar
mandoulo aduffi' sonar
longana' damores moyreu.

Mandoulo aduffi' tanger
ene' hi dauar uagar lezer
longana' damores moyreu.

Mandoulo aduffi' sonar
no hy dauar uagar
longana' damores moyreu.

GRAVURA II

Cancioneiro da Vaticana,

fl. 139.

VI

(CVM e CVB, n.º 881; CBN, n.º 1275; CBNM, n.º 1224)

Non mi digades, madre, mal, e irey
vee lo sen verdade que namorey
na ermida do soveral,
hu m el fez muytas vezes coytada estar,
na ermida do soveral.

[fl. 139, B] Non mi digades, madre, mal, se eu for
vee lo sen verdade, o mentidor,
na ermida do [soveral,
hu m el fez muytas vezes coytada estar,
na ermida do soveral].

Se el non ven hi, madre, sey que farey:
el sera sen verdad e eu morrerey
na ermida [do soveral,
hu m el fez muytas vezes coytada estar,
na ermida do soveral].

Rog eu Sancta Cecilia e Nostro Senhor
que ach oj eu hy, madr, o meu traedor
na ermida [do soveral,
hu m el fez muytas vezes coytada estar,
na ermida do soveral].

VII

(CVM e CVB, n.º 882; CBN, n.º 1276; CBNM, n.º 1225)

Nunca eu vi melhor ermida nen mays sancta:
o que sse de mi enfinge e mi canta,
disseron mi que a ssa coyta sempr avanta
(por mi Deus a vos grado),
e dizen mi que e coytado
por mi o perjurado.

V. 4: José Joaquim Nunes lê este v. da seguinte maneira: «por mi Deus [dê] a vós grado», e interpreta-o assim: «Deus dê a vós grado por (isto é, em vez de) mi»⁴.

V. 5: coytado. Esta palavra, que é do CBN, é preferível a cuydado, que se lê no *CU*.

— Depois do v. 6, na linha imediatamente inferior, lê-se no *CU* a seguinte nota: *m codaz esta nõ acho pōcada*.

⁴ José Joaquim NUNES, *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*, II (Coimbra, 1926), p. 440, e III (Coimbra, 1928), p. 417.

VIII

(CVM e CVB, n.º 883; CBN, n.º 1277; CBNM n.º 1226)

*A do muy bon parecer
mandou lo aduffe tanger:
louçana, d amores moyr eu.*

*A do muy bom semelhar
mandou lo aduffe ssonar:
louçana, d amores moyr eu.*

*Mandou lo aduffe tanger
e non lhi davan lezer:
louçana, d amores moyr eu.*

*Mandou lo aduffe ssonar
[e] non lhy davan vagar:
louçana, d amores moyr eu.*

V. 8: No *CU*, entre *davan* e *lezer*, foi escrita e riscada a palavra *vagar*.

V. 9: *moyr*. O *CU* diz: *muyr*.

Vv. 7-9: Omitidos em CBNM.

2. INTERPRETAÇÃO E COMENTÁRIOS

Prescindindo da última cantiga (VIII), provavelmente alusiva a uma dança acompanhada pelo som do adufe, encontra-se nas poesias de Martim de Ginzo este romântico entrecho:

I) Informada, pelo amigo, de que este se vai incorporar numa expedição guerreira (*ferido, fossado*), a rapariga desabafa o desgosto em que tal notícia a faz viver (*por el vyvo coytada*), já patenteando-o à própria mãe, já tornando-o motivo de fervorosa súplica a Santa Cecília (a *Sancta Cecília de coraçon o digo*),

II) e pede encarecidamente à mãe que a deixe ir à ermida de Santa Cecília, para lá, vestida (por promessa?) com traje especial (*eno meu mant e na mha camisa*), rezar, chorar e pôr velas a arder diante do altar da Santa, a fim de que Esta lhe obtenha o regresso do amigo.

III) Atendida por Santa Cecília, que lhe trouxe o bem-querido (*m aduss o que ben queria*), pede agora à mãe que a acompanhe em romaria à capela da Santa, onde o amigo a está já esperando.

IV) A mãe, porém, vigia, dia e noite, os passos da filha, não a deixando ir a Santa Cecília, ao encontro do namorado — proibição esta que faz viver a rapariga em mortal anseio.

E se quises hurey mi de grado
ou meu amigo

1279 **A**y nercados de santa Cecilia
Q' sabendo q' se soy hurey dia
O meu amigo
E teusse por morto
Essa sancha no faz hy terro
O meu amigo
E teusse por morto

Ay nercados de seia ermida
Ca gra pousa fra q'sta bida
O meu amigo
Teusse por morto

Essa sancha no faz hi terro

1275 **P**ou mi digado madre mal crey
Veulo se veruade q' namorey
Na ermida do soureal
ha mal fez mayas uozes coyrada
Na ermida do soureal

Nomizades madre mal se en for
Veulo sen veruadeo m'ridor
Na ermida do

1276 **S**ed no ue hi madre sey q' foy
El sera se uerdade cu monrey
Na ermida

Rogea sea Cecilia enro senhor
Q' achoua hy madre men Trador
Na ermida

1276 **P**unca en mi melhor ermida ne mais sea
O quese de mi en finge eni contay
Dissere mi q' aisa coya sepnudra
Por mi de aues grado
E tize mi q' e coyrado
Por mi o perjurado

Ado mai may bo parecer
Mandoulo adusse ranger
Loncava damores moyren

Ado may bo semelhar
Mandoulo adusse sonar
Loncava damores moyren

Mandoulo adusse ranger
E no lhi danoa lerer
Loncava damores moyren

Mandoulo adusse sonar
Non lhi danoa vagar
Loncava damores moyren

1276 **P**or lartm rodaxo
udas do mar do nigo
Se m'fes men amigo

V) Sempre com o pensamento em Santa Cecília e na Sua ermida, a amada refere-se ao enorme despeito que tal proibição terá provocado no amigo, e dá a este plena razão (*sse ss assanha, non faz hi torto*).

VI) Despeitado, suspende ele os seus habituais encontros com a donzela na ermida de Santa Cecília do soveral⁵. A namorada é que, embora por palavras o qualifique de mentiroso e traidor (*lo sen verdade, o mentidor; o meu traedor*), não acredita que ele fique amuado para sempre, e roga à mãe que lhe consinta ir novamente à ermida, pedindo a Santa Cecília e Nosso Senhor que lho façam lá encontrar.

VII) Provavelmente incompleta, a sétima poesia fala já da reconciliação do *perjurado*, agora cada vez mais apaixonado (*a ssa coyta sempr avanta*) pela donzela, a qual, agradecida a Santa Cecília, boa razão tem para dizer: *Nunca eu vi melhor ermida nen mays sancta*.

* * *

Dois pormenores sobressaem neste enredo: a intervenção materna e a função desempenhada pela ermida.

Sabido é que a intervenção materna constitui um dos temas mais importantes e mais largamente versados nas cantigas de amigo. Conforme já em tempos observei⁶, não se trata de simples artifício literário; está aqui, pelo contrário, um dos melhores índices da sinceridade das mesmas cantigas. Quem ler atentamente as de Martim de Ginzo verificará isso mesmo, verá que a intervenção da mãe lhes confere o movimento, o colorido, o interesse da verdade, da realidade intensamente vivida.

Relativamente ao papel que a ermida exerce, quase o mesmo se pode dizer. As cantigas de romaria dos poetas medievais, e em particular as de Martim de Ginzo, documentam abundantemente uma realidade, que o não deixou de ser ainda hoje, a saber: a impor-

⁵ Da leitura imparcial da cantiga VI, e do seu cotejo com as demais composições do poeta, não se vê razão para se não identificar a ermida de Santa Cecília com a ermida do soveral. Dada a clareza do texto, a observação que acabo de fazer poderá afigurar-se até ociosa e inoportuna, mas de facto não é, já porque a referida identificação constitui elemento valioso para a questão da naturalidade do poeta, já porque o sábio José Joaquim NUNES (*Cantigas d'amigo...*, I, Coimbra, 1928, p. 311) pretendeu que a ermida do soveral teria sido «outra ermida», diferente da de Santa Cecília. Tranquilizemo-nos, porém, a tal respeito, visto que o mesmo autor se retratou, pelo menos implicitamente, no último volume da mesma obra (*Cantigas d'amigo...*, III, Coimbra, 1928, p. 594, s. v. *Cecilia (Santa) do Soveral*). Aduzo ainda, pelo que tem de desinteressado na questão, o testemunho de Mário MARTINS (*Peregrinações e livros de milagres na nossa idade média* 2, Lisboa, 1957, p. 19) que, embora de passagem, interpreta o texto das cantigas de Martim de Ginzo como referindo-se a uma e a mesma ermida — «S.ta Cecília ou a ermida do Soveral».

⁶ No artigo *A mãe e a filha nos «cantares de amigo»*, publicado em *Cenáculo*, II (1946-1947), pp. 146-163.

tância individual e social do factor religioso — aqui, a devoção a Santa Cecília —, ainda quando desfigurado por excessivos elementos profanos que tantas vezes se lhe associam.

Garantia de sinceridade poética, temo-la ainda na encantadora simplicidade formal destas composições e na feitura espontânea das mesmas. Releiam-se, por exemplo, as cantigas I e IV: aí temos, enroupados na simplicidade e na frescura da sua linguagem popular, aí temos verdadeiros «gritos de alma», autênticas «flores silvestres da canção», para me servir de palavras de Aubrey Bell ⁷.

Pode-se, pois, muito bem supor que Martim de Ginzo, ao criar tão delicadas trovas, embora as depusesse em lábios femininos, estava a delinear e a viver um drama que era seu também, e não só da mulher amada ⁸. Aliás, o carácter autobiográfico destas canções entrevê-se bem no próprio texto da canção VII (2.º verso): aí se dá a entender que o amigo da donzela era um cantador — e Martim de Ginzo era-o, naturalmente, dada a sua condição de jogral.

Nesta mesma ordem de ideias, há que registar ainda, como dado autobiográfico de eventual interesse para a questão da naturalidade do poeta, a informação da cantiga I acerca da participação do amigo, ou seja, do próprio Martim de Ginzo, numa expedição guerreira.

⁷ Aubrey F. G. BELL, *Da poesia medieval portuguesa*, trad. A. A. DÓRIA, Coimbra, 1933, pp. 6-7, 38.

⁸ Como bem observa Arlindo RIBEIRO DA CUNHA (*A língua e a literatura portuguesa* ⁵, Braga, 1959, p. 54), os autores das cantigas de amigo «simulavam-se mulheres [...] e exprimiam [...] os sentimentos que supunham ter as amadas, ou desejavam que tivessem, para consigo».

II

A NATURALIDADE PORTUGUESA DE MARTIM DE GINZO

1. DADOS FUNDAMENTAIS DA QUESTÃO

Sendo este problema, por sua natureza, um problema de identificação, há que determinar, antes de mais, o próprio nome do bardo em causa, e o grau por este ocupado na hierarquia poética medieval.

Martim era o seu nome de baptismo. A ele se ajunta o apelido, que evidentemente não é patronímico, mas indicativo do lugar de origem do poeta, a cujo prenome está ligado pela preposição *de*. Esta última particularidade onomástica, por si só, basta para se poder atribuir ao poeta, como de facto se tem unânimemente atribuído, a modesta categoria de simples jogral, sugerida, aliás, pelo jeito popular das suas cantigas¹.

Qual é, porém, o topónimo exacto que serve de apelido ao poeta?

O Cancioneiro da Vaticana (fl. 138 v.), conforme se pode ver na respectiva fotogravura, diz: *Martin de Giizo* — lição adoptada, nomeadamente, por Fernando Wolf² e Ernesto Monaci (*CDM*). Com esta mesma lição (*Giizo*) parece ainda concordar o Cancioneiro da Biblioteca Nacional (fl. 269, de que também publico fotogravura³).

Não assim a folha 268 deste mesmo cancioneiro (veja-se o respectivo fac-simile em *CBNM*), onde se lê: *Martin de Grizo*.

Com esta última variante concorda, ao que parece, a que figura na lista de poetas medievais existente no códice 3217 da Biblioteca

¹ Sobre a onomástica jogralesca veja-se Carolina MICHAELIS DE VASCONCELOS, *Cancioneiro da Ajuda*, Halle, 1904, II, p. 626, nota 2.

² F. WOLF, *Studien zur Geschichte der spanischen und portugiesischen National-literatur*, Berlim, 1859, p. 705.

³ Publico fotogravura desta folha 269, por o fac-simile de *CBNM* estar truncado, a ponto de ali não figurar o nome do poeta, que se encontra no alto da referida página do códice de Lisboa.

Vaticana (veja-se a respectiva fotogravura), embora Ernesto Monaci a leia de outro modo, indevido, a meu ver ⁴.

Vista a divergência dos três antigos manuscritos quanto ao sobrenome do jogral, não é de estranhar que ainda mais discrepantes sejam as interpretações desse apelido apresentadas de há um século para cá. Assim, Teófilo Braga ⁵ alvitrou: *Giizo*, *Giijo* e *Frayson*. Carolina Michaelis ⁶, por sua vez, apresenta as seguintes versões: *Giizo*, *Ginzo*, *Ginzó*, *Gijon*, *Grijó* e *Guizo*.

Qual delas será preferível?

Rejeitando como fantástica a última de Teófilo Braga (*Frayson*), não escondo, no entanto, a minha hesitação quanto às demais. Não obstante, se alguma coisa vale o consenso da maior parte dos autorizados mestres que ao poeta se têm referido — por exemplo, José Joaquim Nunes ⁷, Aubrey Bell ⁸, Ramón Menéndez Pidal ⁹, Álvaro Júlio da Costa Pimpão ¹⁰ e Manuel Rodrigues Lapa ¹¹ —, então, há que optar pela variante do Cancioneiro da Vaticana (*Giizo*), que os mesmos autores interpretam como equivalente de *Ginzo*.

Nesse caso, dever-se-á concluir, com Aubrey Bell ¹², que *Martim de Ginzo* «é a forma mais provável do nome do poeta».

Note-se, enfim, que a demonstração da naturalidade portuguesa do jogral não ficaria necessariamente prejudicada, se um dia se provasse que o seu verdadeiro sobrenome não era *Ginzo*. Pelo contrário, se tal se provasse, prejudicado ou até anulado ficaria, antes, o argumento a favor da naturalidade galega, tal como o apresenta José Joaquim Nunes, pois, como se verá, tal argumento apoia-se na existência de uma paróquia de *Ginzo* na Galiza.

* * *

Estas considerações relativas ao nome do jogral, mais os elementos já colhidos do exame das suas cantigas, fornecem os dados

⁴ A lição de E. MONACI (*CUM*, p. XXII) é a seguinte: *Martin dne brizo*.

⁵ *CUB*, pp. CX, 164.

⁶ *Cancioneiro da Ajuda*, II, pp. 626 (nota 2), 627, 884, 978.

⁷ *Cantigas d'amigo...*, I, p. 310, e II, p. 435; *Poesia galego-portuguesa ou trovadoresca*, na *História da literatura portuguesa ilustrada*, dirigida por A. FORJAZ DE SAMPAIO, I, Paris-Lisboa, s. d. (1929), p. 102.

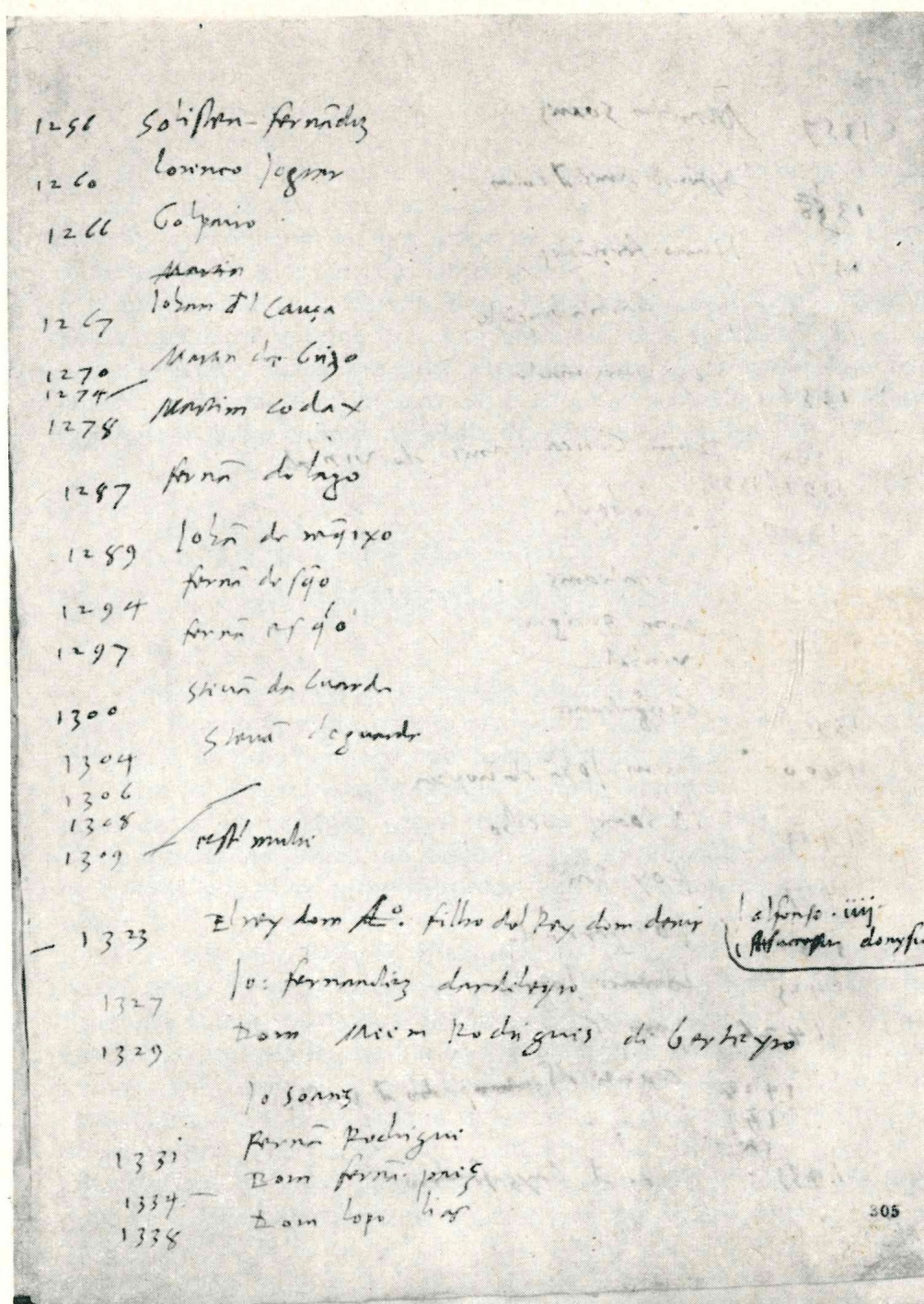
⁸ *A literatura portuguesa*, trad. A. de CAMPOS e J. G. de BARROS E CUNHA, Coimbra, 1931, p. 25.

⁹ *Poesía juglaresca y juglares* ⁴, Madrid, 1956, p. 32; *Estudios literarios* ⁴, Madrid, s. d., p. 233.

¹⁰ *História da literatura portuguesa*, *Idade média* 2, pp. 86, 98, 106, 116.

¹¹ *Lições de literatura portuguesa*, *Época medieval* ³, p. 103.

¹² *A literatura portuguesa*, trad. cit., p. 25, nota 4.



GRAVURA IV

Página do Códice 3217
da Biblioteca Vaticana.

fundamentais de que depende a solução do problema e que se podem compendiar assim:

Trata-se:

- 1) de um jogral,
- 2) chamado *Martim*,
- 3) oriundo de uma localidade provavelmente chamada *Ginzo*;
- 4) *membro de uma expedição militar*;
- 5) personagem de um amoroso entrecho decorrido nas proximidades de uma *ermida de Santa Cecília*,
- 6) ermida esta situada num lugar conhecido como *lugar de Santa Cecília* (cf. cantiga III: *hu chamam Sancta Cecilia*)
- 7) e que, ou se chamaria também *lugar do Soveral*, ou, pelo menos, seria *sítio de sobreiros*, de modo que a citada ermida se pudesse com razão chamar «ermida do soveral» (cantiga VI).

2. PRECÁRIO ARGUMENTO A FAVOR DA NATURALIDADE GALEGA

Tem-se, até hoje, considerado *Martim de Ginzo* como poeta galego. Contudo, entre os autores que o supõem oriundo de além-Minho ¹³, só dois conheço que apresentaram razões:

Um foi José Joaquim Nunes, quando escreveu: «Pelo tom popular das suas cantigas creio tratar-se de um jogral, oriundo de Santa Marina de Ginzo, na Galiza, onde se encontra hoje a aldeia de Sobral, a mesma provavelmente que os apógrafos chamam *Soveral*» ¹⁴.

Por sua vez, Alvarez Blazquez, ao tratar da naturalidade do nosso poeta ¹⁵, exprime-se deste modo: «De non ser a sua patria o Xinzo da Limia, coidamos doado poda selo Santa Maria de Xinzo, en Cuntis, pois ainda que hai en Galicia outras localidades co mesmo nome, dáse o feito de existir nista freiguesía o lugar de Sobral, que cicais sería o Soberal (bosque de sobreiras) das cantigas de romaxe do trovador». Há, porém, aqui evidente lapso de ordem geográfica, uma vez que no lugar ou aldeia (não *freguesia*!) de Ginzo da paróquia de Cuntis não existe nenhum topónimo *Sobral* (nem nada que

¹³ Cf. R. MENÉNDEZ PIDAL (*Poesía juglaresca y juglares* 4, p. 32), que o considera «juglar gallego», e A. J. da COSTA PIMPÃO (*História da literatura portuguesa, Idade média* 2, p. 116), que o enumera entre os poetas medievais do «grupo galego».

¹⁴ José Joaquim NUNES, *Cantigas d'amigo...*, I, pp. 311-312.

¹⁵ Xose M. ALVAREZ BLAZQUEZ, *Escolma de poesia galega*, I (*Escola medieval galego-portuguesa*), Vigo, 1952, p. 98.

se relacione com Santa Cecília)¹⁶. Deve, pois, tratar-se de confusão com a freguesia de Santa Marina de Ginzo do concelho de Ponteareas, província de Pontevedra: nessa paróquia existe, efectivamente, como diz José Joaquim Nunes, o lugar de Sobral.

Ora é realmente curiosa e apreciável esta coincidência de um lugar de *Sobral* numa paróquia galega de *Ginzo*. E, se da parte de Portugal a convergência de probabilidades não fosse, como é, muito maior e mais ponderosa do que a sobredita coincidência, ficar-se-ia até perplexo quanto à solução do problema.

Em todo o caso, antes de passar aos argumentos decisivos a favor da naturalidade portuguesa do jogral, advirto que as probabilidades favoráveis à sua naturalidade galega são mais frágeis do que à primeira vista poderão parecer :

Primeiro, porque a simples coincidência do lugar de Sobral na paróquia de Ginzo não tem, só por si, grande força probatória. Com efeito, os dados fundamentais acima enumerados não exigem que a «ermida do soveral» pertença à terra de origem do poeta.

Por outro lado, o que esses dados supõem — isso, sim —, é a existência duma ermida de Santa Cecília num lugar que, ou se chame «de Soveral» (ou Sobral), ou, pelo menos, seja sítio de sobreiros. Ora (e isto abala fortemente a posição de José Joaquim Nunes) não se conhece tradição alguma, nem oral nem escrita, relacionada com a existência de qualquer ermida, nomeadamente duma ermida de Santa Cecília, no lugar de Sobral da referida paróquia de Ginzo¹⁷.

3. MARTIM DE GINZO, JOGRAL PORTUGUÊS

1. O primeiro e grande argumento a favor da naturalidade portuguesa de Martim de Ginzo está no facto de existir em Portugal (e só em Portugal, que eu saiba) um lugar de Santa Cecília, que ao

¹⁶ Assim o verifiquei, nomeadamente, numa visita que fiz ao dito lugar em Agosto de 1962 e numa conversa que lá tive sobre o assunto com o Sr. Manuel Pazos, natural de Ginzo e lá residente. Ao seminarista teólogo Rev. José Manuel Piñeiro Arca estou grato pela companhia que me fez nessa visita. Agradeço também ao pároco de Cuntis, Rev. Antonio Gutierrez Fernandez, as informações que a tal respeito me deu, a confirmar as do Sr. Manuel Pazos.

¹⁷ É quanto posso inferir, inclusivamente, das informações que em Agosto de 1959 colhi, na própria freguesia de Ginzo e no próprio lugar de Sobral, da boca de pessoas idosas como os Srs. Domingo Represas Giraldez, de 90 anos, Jesús Giraldez Carrera, de 87, e Manuel Carrera Troncoso, de 78, dos quais nenhum conhece referência alguma a qualquer capela, imagem, lugar ou simples campo de *Santa Cecília*.

Aproveito a oportunidade para novamente agradecer ao ilustre pároco de Ginzo, Rev. Cândido Lorenzo Barreiro, a hospitalidade e as informações que tão gentilmente me proporcionou.

mesmo tempo é sítio de sobreiros: encontra-se ele na freguesia de Sobrado, sede do concelho de Castelo de Paiva ¹⁸.

Acrescente-se, ainda, que a existência deste lugar de Santa Cecília (e, naturalmente, da respectiva ermida, que actualmente já não existe) é comprovada por um documento da própria época em que o jogral viveu, ou seja, pelas *Inquirições* de 1258 ¹⁹.

2. Além disso, também não faltam em Portugal terras com o nome da que provavelmente foi berço de Martim. Entre elas, sobressai Ginzo, no concelho de Barcelos, não só porque já foi paróquia, mas ainda pelos motivos que abaixo aduzirei ²⁰, sendo curioso até o facto de uma das variantes desse topónimo, registadas nas *Inquirições* de 1220 e de 1258, ser precisamente *Giizo* ²¹, tal como o sobrenome exacto do poeta no Cancioneiro da Vaticana.

Nem constitui objecção a respeitável distância que separa Ginzo, Barcelos, do lugar de Santa Cecília em Castelo de Paiva. Além de que essa distância, ainda assim, é relativamente pequena, advirta-se, sobretudo, que Martim de Ginzo era jogral — era, por outras palavras, um cantador ambulante, para quem as distâncias não contariam

¹⁸ Sobre a existência do lugar de Santa Cecília, cf. Margarida Rosa MOREIRA DE PINHO, *Elementos para a história de Castelo de Paiva*, Coimbra, 1946, p. 54, onde também se informa haver sido encontrado lá um saco de couro com moedas romanas de cobre, do século IV.

Na minha visita ao lugar, em Abril de 1959, observei que existem por lá sobreiros, o que era de esperar de um lugar situado numa freguesia cujo nome — Sobrado, do latim *suber*, sobreiro — já por si indica a existência dessas árvores, e em cuja matriz predial rústica pude ver nomes de campos como «Leira da Sobreira» (vol. I, art. 319), «Leira da Sobreira de Baixo» (*ibid.*, art. 320) e «Leira da Sobreira de Cima» (*ibid.*, art. 323). Nessa mesma visita, soube pelo Sr. Vicente de Sousa, lavrador residente no lugar de Santa Cecília há 37 anos, que ainda ali existem várias leiras conhecidas pela designação comum de *Leiras de Santa Cecília*, assim como o chamado *Monte de Santa Cecília*, sobranceiro ao referido lugar.

¹⁹ *Portugaliae monumenta historica, Inquisitiones*, vol. I, parte II, Lisboa, 1936, p. 965: «in Sancta Cecília». Cf. a *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*, XXIX, s. v. Sobrado, p. 374 e seguintes.

²⁰ Sobre a história da antiga paróquia de Ginzo, há já bastante tempo anexada civil e eclesiasticamente à de S. Pedro de Alvito do mesmo concelho, cf. Teotónio da FONSECA, *O concelho de Barcelos aquém e além-Cávado*, Barcelos, 1948, I, p. 104 e seguintes.

Américo COSTA, no seu *Diccionario chorographico de Portugal continental e insular*, VI (s. I., 1938), p. 1229, regista apenas, com o nome de Ginzo, mais um casal da freguesia de Faia do concelho de Cabeceiras de Basto, uma povoação da freguesia de Lavradas do concelho de Ponte da Barca e um lugar da freguesia de Gandra do concelho de Ponte de Lima. Informa ainda o mesmo autor (*ibid.*, p. 1228) que existe um lugar chamado Ginjo na freguesia de S. Tomé de Negrelos do concelho de Santo Tirso.

²¹ *Portugaliae monumenta historica, Inquisitiones*, vol. I [parte I], Lisboa, 1888, pp. 107, 305.

muito. Não é, pois, extraordinário que este jogral, sendo oriundo de Ginzo, Barcelos, peregrinasse repetidas vezes por Castelo de Paiva ²².

3. Mas há mais:

Por duas cantigas de escárnio ²³ de D. João Garcia de Guilhade, é conhecida a existência de um jogral de nome Martim («Martin jogar»), até hoje não identificado ²⁴.

Pois bem: admitida a naturalidade portuguesa de Martim de Ginzo, fica, por isso mesmo, satisfatoriamente identificado o referido jogral Martim. Na verdade, nada há mais natural do que ser português e oriundo da região barcelense o jogral mencionado por um trovador português oriundo dessa mesma região, como era D. João Garcia de Guilhade. Ora nestas condições está o poeta que era *Martim* de nome, *jogral* de profissão, e oriundo de *Ginzo*, topónimo existente em Portugal e no próprio concelho de Barcelos!

Outro elemento para a identificação de «Martin jogar» com Martim de Ginzo pode-se ainda vislumbrar no facto de este último haver participado numa expedição guerreira. Com efeito, não é difícil supor que tal fosse também o caso de «Martin jogar»: sabido que D. João Garcia de Guilhade passou por Segóvia, a noroeste da serra de Guadarrama, porventura incorporado nalguma expedição contra os mouros da Andaluzia ²⁵, facilmente se poderá também

²² Talvez não seja tarefa impossível a de atinar com os motivos concretos que levaram Martim de Ginzo a relacionar-se com a terra e a gente de Castelo de Paiva. Pode ser que noutra ocasião venha a expor, a tal respeito, o que neste momento ainda não passa, para mim, de boa conjectura. Entretanto, voltando às considerações de ordem genérica, deixo aqui este oportuno trecho de Carolina MICHAELIS DE VASCONCELOS (*Cancioneiro da Ajuda*, Halle, 1904, II, pp. 647-648) acerca do modo de vida dos jograis:

«Afim de propagar as canções do trovador, seu amo, é que naturalmente o jogral viajava frequentemente, ora no sequito d'elle, ora independentemente, posto que por ordem alheia, ora por conta e risco próprio. Nessa vida aventureira, tangia um dia em salas principescas cantares de mestría, outro dia psalmos e hymnos sacros na capella; hoje trovas de folgar na praça publica, nas tafurarias e tabernas; amanhã no adro da igreja, em terreiro de romaria, ou nas eiras dos grandes lavradores, chacotas, bailadas e cantigas de villão, para em seguida deleitar pastoras-seranas ao passar das cordilheiras. Hoje lautamente agasalhado, amanhã em cabanas sobre cama de palha, ou ao relento; bem galardoado ás vezes, outras vezes sem um dinheiro na algibeira; a pé, em besta ou a cavallo, segundo as suas posses, — verdadeiro bohemio e vagabundo».

²³ *CUM* e *CUB*, n.ºs 1101 e 1102; *CBNM*, n.ºs 1403 e 1404.

²⁴ Carolina MICHAELIS DE VASCONCELOS (*Cancioneiro da Ajuda*, II, p. 411, nota 1) diz: «Ignoro quem fosse». Da mesma incerteza partilha José Joaquim NUNES (*Poesia galego-portuguesa ou trovadoresca*, na *História da literatura portuguesa ilustrada*, dirigida por A. FORJAZ DE SAMPAIO, I, p. 102).

²⁵ Na cantiga n.º 238 do *Cancioneiro da Ajuda* (p. 138 da edição de Henry H. CARTER, Nova Iorque — Londres, 1941), o trovador diz: «vin aqui a Segobia morrer». Cf. a revista *Cenáculo*, I (1945-1946), pp. 163, 165.

admitir que o ilustre trovador fosse então acompanhado por algum jogral ao seu serviço, qual poderá ter sido «Martin jogar». A reforçar esta hipótese, há o facto de vários poetas haverem tomado parte nas campanhas de Fernando III na Andaluzia ²⁶, e a circunstância de numa delas — na conquista de Sevilha em 1248 — se encontrar D. Paio de Azevedo, da casa de Azevedo da freguesia da Lama do sobredito concelho de Barcelos ²⁷.

4. Finalmente, há um argumento precioso, de que o leitor já deu conta, certamente: é a admirável convergência de tantas probabilidades apresentadas — maiores umas, outras menores — a favor da naturalidade portuguesa de Martim de Ginzo.

Por todas estas razões, creio respeitar os dados da questão e a boa crítica histórica, extraíndo de tudo o que fica exposto a seguinte conclusão: *Martim de Ginzo foi um jogral certamente português e, mui provavelmente, oriundo de Ginzo, Barcelos.*

²⁶ Cf. R. MENÉNDEZ PIDAL, *Poesía juglaresca y juglares* 4, pp. 107-108.

²⁷ Cf. Teotónio da FONSECA, *O concelho de Barcelos aquém e além-Cávado*, I, p. 277.

biblioteca
municipal
barcelos



28930

Martim de Ginzo, jogral
português